

Malpica do Tejo

AS COUTADAS PREJUDICAM A ECONOMIA MALPIQUEIRA

Os povos raianos foram até hoje, os mais desprotegidos da sorte, por se encontrarem afastados dos grandes centros populacionais e económicos.

Só de tempos a tempos, os homens de governo e não todos, olham um pouco para aquelas bandas e, isso mesmo quando muito instados por alguém que dedica a sua atenção ao benefício do bem comum. As aldeias como Malpica do Tejo, situadas nos confins do continente, quase a entrar por terras do país vizinho, têm sofrido o atraso de muitos e muitos anos.

Malpica do Tejo, enclave entre terrenos pertencentes a grandes proprietários, foi, é, e será sempre com os seus habitantes, hoje em numero aproximado de 4.000, uma das aldeias mais pobres de Portugal, se o governo não atender mais uma vez aos seus justos pedidos.

Até há 36 anos, o povo de Malpica do Tejo era ainda mais pobre e os seus habitantes não podiam sair das suas ruas tortuosas sem que pusessem pé em terra alheia. Valeu ter-lhes sido proporcionada a compra de dois montes denominados «Vale das Vacas» e dos «Andreus» para que assim lhes fosse possível um pouco de expansão, quer territorial quer económica. A alegria de viver começou nessa data para a gente de Malpica e, aquelas terras então bravias, começaram a ser plantadas de dezenas, centenas, até milhares de oliveiras e aproveitados os terrenos hortícolas, trazendo-lhes grande parte do seu sustento diário.

Desde 1953, data em que foi construído o Lagar Cooperativo com a ajuda do Estado, plantados foram já mais de 25.000 pés de oliveiras, continuando cada vez mais crescente a vontade de novas plantações, que em poucos anos, proporcionará à economia local e nacional um acréscimo de produção oleícola de grande valia, a juntar-se aos muitos milhares de litros de azeite ali produzidos anualmente. Sucede porém, desde há meses, andar o povo de Malpica do Tejo, alarmado pelos prejuízos causados devido às coutadas existentes, cuja caça invade os seus terrenos de cultivo, devastando parte das searas e das hortas e tirando a vida às suas oliveiras, plantadas á custa de muito esforço e sacrificio.

O regime de coutadas que

envolvem os pequenos terrenos pertença do povo de Malpica do Tejo, estende-se desde o Rio Ponsul, e se não estou em erro, até ao Monte de Negrais, numa extensão talvez mais de 25 quilómetros.

Que o proprietário defenda os seus interesses aumentando a sua riqueza, é de atender, desde que a sua acção não prejudique os interesses duma gente como a de Malpica do Tejo, pobre, ordeira e trabalhadora.

Aos malpiqueiros não interessa o prazer recreativo proporcionado pelas coutadas; apenas lhes interessa conservar o que é seu, produzindo mais e melhor, para conseguir viver uma vida mais bem vivida.

A recente exposição sobre o assunto, assinada pelo povo de Malpica do Tejo e dirigida a entidade superior, deve merecer a costumada boa atenção de quem sabe dirigir a contento do nosso povo. Eles souberam expor com dignidade e respeito, aguardando que justiça lhes seja feita.

Marcelo Lopes Cabrita

